

ANÁLISE VARIACIONISTA DA NASALIZAÇÃO FONÉTICA NA FALA DO PESSOENSE

*Vaneide da Silva santos¹
Dermeval da Hora²*

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre linguagem têm despertado o interesse de vários lingüistas ao longo dos anos. As primeiras discussões acerca da relação entre língua e sociedade surgiram no século XIX com o lingüista francês Antoine Meillet, pois ele foi um dos primeiros teóricos a observar que a língua é um fato social. Entretanto, só a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento da Teoria da Variação Lingüística, também denominada de Sociolingüística Quantitativa, a relação entre língua e sociedade passou a ser defendida como determinante da variação lingüística, pois seguindo essa perspectiva, os fatores sociais exercem um papel decisivo na explicação da variação.

A Teoria da Variação desenvolvida pelo americano William Labov em 1966, preocupa-se com a descrição e análise sistemática da variação existente na língua falada. Sob essa perspectiva, desenvolveremos uma análise sobre o fenômeno da nasalização fonética na língua falada da cidade de João Pessoa. Tal pesquisa está sendo realizada sob orientação do Professor Doutor Dermeval da Hora e insere-se nas pesquisas que compõem o Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB). Entretanto, não pretendemos apresentar dados, visto que a pesquisa ainda encontra-se em andamento e os dados coletados ainda não foram rodados pelo programa VARBRUL. Portanto, inicialmente faremos uma discussão sobre o objeto de estudo abordado pela pesquisa, seguido dos objetivos, justificativas e as variáveis selecionadas com as respectivas hipóteses. Em seguida partiremos para os procedimentos metodológicos utilizados. Logo após, faremos uma abordagem teórica da Teoria da Variação e, finalmente, apresentaremos as considerações finais e as referências bibliográficas.

OBJETO DE ESTUDO

É sabido que o Português apresenta dois contextos para a ocorrência da nasalização vocálica: em um desses contextos, as palavras opõem-se pelos seus significados, devido à ocorrência de um elemento vocálico nasal que ocasiona o contraste entre as palavras (cf. *tampa:tapa*, *franco:fraco*, *minto:mito*). No outro contexto, a vogal se encontra contígua a uma consoante nasal na sílaba seguinte (cf. *família*, *cama*, *caneta*). Esse contexto não funciona para distinguir formas, a eventual pronúncia da vogal nasalizada sem nasalidade não acarreta mudança de significado. Com ou sem nasalização aparecerão sempre os mesmos vocábulos.

¹ IC/CNPq.

² UFPB/CNPq.

A nasalidade com função distintiva denomina-se nasalidade fonológica e a nasalidade com função não distintiva denomina-se nasalidade fonética. É esse segundo tipo que constitui o objeto de estudo da presente pesquisa.

OBJETIVOS

- Traçar o perfil lingüístico do falante pessoense no que se refere ao fenômeno em estudo;
- Desenvolver uma análise quantitativa dos dados, observando os contextos de ocorrência e não-ocorrência de nasalização fonética em vocábulos nominais, bem como a influência dos fatores sociais e estruturais na escolha das variantes;
- Verificar quais são os fatores favorecedores e quais os inibidores do fenômeno;
- Observar se a variação do fenômeno em questão demonstra um estágio de variação estável ou um processo de mudança em progresso.

JUSTIFICATIVAS

Considerando a possibilidade de sistematização da língua falada e a relação existente entre a aplicação da regra de nasalização e as variáveis lingüísticas e extralingüísticas envolvidas no estudo do fenômeno, justifica-se a presente pesquisa para o desenvolvimento de uma análise acerca da nasalização fonética, possibilitando, dessa forma, uma melhor compreensão dos fatores sociais e estruturais que influenciam o processo de variação no falar pessoense.

VARIÁVEIS SELECIONADAS

Variável dependente

Nasalização

São duas as variantes que compõem tal variável: aplicação e não aplicação da regra de nasalização, rotuladas como: nasal e não-nasal, respectivamente.

Variáveis independentes

Extralingüísticas:

Sexo

A Sociolingüística busca demonstrar a influência exercida pelo sexo do falante na escolha de determinadas variantes. De acordo com a literatura pertinente, “as mulheres mostram-se muito mais aptas que os homens a seguirem as normas da língua culta, aproximando-se assim das formas de prestígio” (GORDON, 1997). Consideramos o fator

sexo na presente pesquisa com o objetivo de verificar se o padrão seguido pelas mulheres pessoenses é o mesmo encontrado em outros estudos, com relação a tal fator.

Faixa etária

No que se refere à faixa etária, a literatura tem demonstrado haver uma correlação entre as variantes lingüísticas e a idade do falante. Desse modo, o uso das formas estigmatizadas tende a ser mais freqüente entre os jovens, ao passo que o uso da norma culta é mais freqüente entre os idosos. Na presente pesquisa, os informantes foram divididos nas seguintes faixas de idade:

- 15 a 25 anos (jovens)
- 26 a 49 anos (adultos)
- 50 anos acima (idosos)

Anos de escolarização

Assim como o sexo e a faixa etária, a escolaridade do falante tem se mostrado um fator relevante no estudo da variação lingüística, considerando sua relação com a opção por determinadas variantes. Assim, pressupõe-se que quanto maior o grau de escolarização do falante, maior será o uso da variante padrão ou de prestígio.

Para o desenvolvimento da nossa análise, os informantes foram selecionados em três níveis de escolarização:

- a) nenhum ano
- b) cinco a oito anos
- c) mais de onze anos

Variáveis lingüísticas:

Ponto de articulação da nasal que segue a variável

- b. bilabial: f[a]mília
- d. dental: cl[í]nica
- p. palatal: m[a]nhã

Para esta variável a hipótese é a de que a consoante nasal palatal seja mais favorecedora à aplicação da regra.

Posição da vogal no vocábulo

Considerando que a vogal do fenômeno em estudo pode pertencer tanto ao lexema (L) quanto ao morfema (M) pretendemos observar se a sua posição no vocábulo influencia ou não a aplicação da regra.

Natureza do *onset*

- v. vazio: [a]migo
- c. consoante não nasal: c[a]marão

- n. consoante nasal: m[e]nino
- g. glide em juntura: auto-[a]nálise
- j. consoante não-nasal em juntura: os [a]migos
- r. *Onset* ramificado: pr[i]mo

Observamos esta variável para observar a influência exercida pelo *onset* da sílaba no processo de assimilação da nasalidade. A hipótese é a de que o contexto de *onset* preenchido por uma consoante nasal é o que mais favorece o processo de assimilação.

Distância da variável (x) em relação à tônica (t)

- 0. variável na própria sílaba tônica: h[o]mem
- 1. xt: t[o]mate
- 2. x-t: c[a]marão
- 3. x--t: pr[i]meiramente
- 4. x---t: manifestação
- 5. tx: ó[t]i mo
- 6. x----t: d[e]masiadamente

Com relação a esta variável, a hipótese é a de que a nasalização tende a ser mais frequente em contextos de sílabas acentuadas.

Qualidade da vogal

- Vogal baixa: /a/
- Vogal média anterior: /e/
- Vogal alta anterior: /i/
- Vogal média posterior: /o/
- Vogal alta posterior: /u/

Selecionamos tal variável a fim de verificar se uma vogal tende a se nasalizar mais do que outra. Contudo, sendo a nasalização um processo assimilatório de espreadimento de traço, a hipótese é a de que tal processo tende a ocorrer com todas as vogais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados utilizados para a realização da presente pesquisa foram coletados do *corpus* do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), composto por entrevistas de sessenta informantes da comunidade de João Pessoa.

Para a seleção dos informantes entrevistados foram estabelecidos os seguintes critérios: ser natural de João Pessoa ou morar nesta cidade desde os cinco anos de idade e nunca ter se ausentado da cidade por mais de dois anos.

Obedecendo a critérios de ordem social, característicos da Pesquisa Sociolingüística, os informantes selecionados foram estratificados segundo o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização.

Como a presente pesquisa ainda encontra-se em andamento, coletamos os dados de apenas 12 dos 60 informantes do *corpus* do VALPB. Os informantes selecionados foram todos do sexo feminino estratificados segundo a faixa etária e os anos de escolarização, da seguinte forma:

Faixa etária:

15 a 25 anos (jovens): 06 informantes

26 a 49 anos (adultos): 06 informantes

Anos de escolarização:

Nenhum ano: 04 informantes

05 a 08 anos: 04 informantes

09 a 11 anos: 04 informantes

A TEORIA DA VARIAÇÃO

Proposta pelo americano William Labov, na década de sessenta, a Teoria da Variação, também denominada de Sociolinguística Quantitativa surge em oposição às concepções de língua apregoadas e defendidas pelas correntes anteriores. Até o seu surgimento, acreditava-se que a língua era um sistema homogêneo e, portanto, podia ser estudada na ausência de uma comunidade de fala.

A Sociolinguística estabelece, então, a língua falada como objeto de estudo e preocupa-se com a descrição e análise sistemática da língua, considerando sua variabilidade dentro do contexto social.

Desse modo, esse modelo teórico-metodológico admite a variação como uma propriedade inerente ao sistema lingüístico, considerando que a língua é um fator social e, portanto, está sujeita à variação.

Assim, sob a ótica variacionista, podemos afirmar que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea, ou seja, qualquer língua apresenta sempre um conjunto de variações, denominado de *variedades lingüísticas*.

Para a descrição e análise sistemática da língua falada, os sociolinguistas tomam como ponto de partida a comunidade lingüística, constituída por “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos” (Alkmim *apud* MUSSALIM, 2001, p.31).

Dessa forma, para os variacionistas, a diversidade da língua constitui uma qualidade do sistema lingüístico e, por isso, ao estudar a língua, deve-se considerar a sua heterogeneidade.

O conjunto de variedades lingüísticas predominantes em uma determinada comunidade de fala se dá “no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade” (Alkmim *apud* MUSSALIM, 2001, p.39). Desse modo, o valor atribuído às variedades lingüísticas em uso, constitui um reflexo da hierarquia dos grupos sociais. Portanto, em qualquer comunidade de fala, verifica-se a existência de variedades consideradas superiores e outras consideradas inferiores. Assim, as formas detentoras de prestígio sociolinguístico na comunidade são denominadas *variantes-padrão* ou *variantes de prestígio* e as formas estigmatizadas pelos membros da comunidade são denominadas de *variantes não-padrão* ou *variantes estigmatizadas*.

É importante salientarmos que a chamada variedade padrão de uma comunidade, resulta de uma atitude social ante a língua, estabelecida, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade, e de outro, por um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar.

A análise sociolingüística nos permite observar se a variação do fenômeno constitui uma variação estável (coexistência mútua das variantes no sistema lingüístico) ou uma mudança em progresso (duelo entre as variantes até a permanência de apenas uma delas no sistema em questão).

Os sociolingüistas buscam explicação para o processo de variação lingüística em função de fatores lingüísticos (variáveis internas da língua) e sociais (variáveis relacionadas ao falante como sexo, grau de escolarização, faixa etária, classe social etc.).

No estudo da Nasalização fonética no falar pessoense, pretendemos desenvolver, com base na Teoria da Variação, uma análise sistemática do fenômeno em questão, buscando demonstrar os fatores lingüísticos e sociais que condicionam o processo de variação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a variação é inerente ao sistema lingüístico, o presente trabalho, fundamentado na Teoria da Variação, teve como objetivo apresentar a proposta para o desenvolvimento de uma análise sistemática do fenômeno da nasalização fonética no falar pessoense. Tal pesquisa constitui um subprojeto do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), onde estão sendo desenvolvidos outros estudos voltados para a relação existente entre língua e sociedade, confirmando, dessa forma, o caráter social e dinâmico da língua, subsidiando o ensino da Língua Portuguesa em todos os níveis.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996 v. 6. Desenvolvimentos.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. Parte I. In: BENTES, A.C. & MUSSALIN F. (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. V.1. S. Paulo: Cortez, 2001.
- AQUINO, Maria de Fátima de Souza. **A Ditongação na comunidade de João Pessoa: uma análise variacionista**. (Dissertação de mestrado) UFPB. João Pessoa, 1998.
- BATTISTI, Elisa. **A Nasalização no Português Brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições**. (Tese de Doutorado). PUC-Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. Parte II. In: BENTES, A.C. & MUSSALIN F. (orgs.) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. V.1. S. Paulo: Cortez, 2001
- HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: Trajetória de uma Proposta. In: HORA, Dermeval da (org). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. S. Paulo: Ática, 1985.